

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : f B

CLASS. : Amaz./Dusmat.

DATA : 05.08.87

PG. : 6

29

Amazônia perde um Sergipe por ano para madeireiras

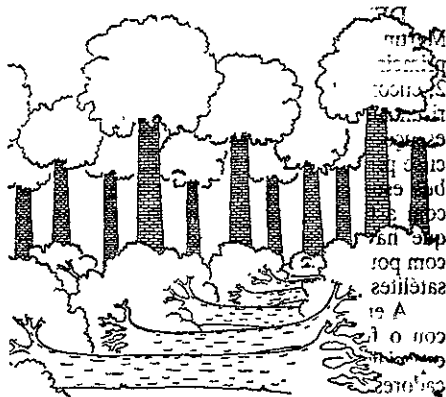
Marcelo Tognozzi

ALTAMIRA (PA) — Dezenas de madeireiras clandestinas estão atuando em toda Amazônia Legal, desmatando por ano de dois milhões a 3 milhões de hectares, área comparável ao território do estado de Sergipe, de acordo com informações do diretor de Cadastro e Fiscalização do IBDF (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), Hélio Pereira. No Pará, a 280 quilômetros de Altamira, a madeireira Bannach invadiu, no início de 86, parte de uma área de 800 mil hectares às margens do rio Iriri que foi interdita pela Funai em abril de 85. No IBDF, consta que seu registro é irregular.

A madeireira Bannach é um exemplo do trabalho de extração clandestina de madeiras nobres da região amazônica. A área que ela ocupa foi interdita pela Portaria 1854/E de abril de 85, a pedido do sertanista Sydney Possuelo, com a finalidade de preservar grupos indígenas não contatados que habitam a região. Lá trabalham cerca de 20 homens, 10 dos quais têm famílias e moram em casas de madeira com três cômodos. A madeireira só trabalha com mogno, que é vendido no local, sem o frete, por CZ\$ 27 mil o metro cúbico. No Rio e em São Paulo, o mogno pode valer até 10 vezes mais.

Mensalmente, passam pelas serras da Bannach mais de mil metros cúbicos de mogno, que são exportados para a Europa ou vendidos para o Sul e Sudeste pela equipe do paranaense Quirino Bannach, o dono da empresa, que tem sede em Belém e sete filiais. Uma delas é a que invadiu a área interdita pela portaria da Funai. No IBDF, o diretor Hélio Pereira informou que a madeireira Bannach, registro número 1157010050-2 e CGC número 05253810/0001-73, está em situação irregular.

Conivência — Ao tomar conhecimento da atividade da Bannach em área



interditada pela Funai, Hélio Pereira enviou, na mesma hora, telex para o delegado do IBDF no Pará, pedindo que a situação seja averiguada.

— A situação dessas madeireiras, que atuam clandestinamente em áreas indígenas é um problema sério, porque existem funcionários da Funai, como Salomão Santos, superintendente do Pará, contra os quais existem denúncias de conivência com a iniciativa e de que dão cobertura aos madeireiros. Essa reserva amazônica é a última de mogno e cerejeira que existe no país — disse Hélio Pereira.

Ao longo da estrada que leva até a serraria instalada nas margens do Rio Iriri, o quadro é desolador. Inúmeras clareiras estão abertas na selva, a terra exposta ao sol, tudo sem vida ao redor. No pátio da Bannach, dezenas de toras de mogno estão empilhadas, prontas para serem transformadas em tábuas e embarcadas nos caminhões. A madeireira não se restringe a atuar na área próxima. De acordo com funcionários, é comum, na época das cheias, centenas de toras de mogno descerem o rio rebocadas, vindas das cabeceiras do Iriri, dezenas de quilômetros rio acima.